

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

FELIPE VIANA AMARAL

A AMBIGUIDADE EM COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA

PARINTINS – AM

2025

FELIPE VIANA AMARAL

A AMBIGUIDADE EM COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras, pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA.

Orientadora: Me. Maria Celeste de Souza Cardoso

PARINTINS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

A485a

AMARAL, FELIPE VIANA

A ambiguidade em composições da banda legião urbana / FELIPE VIANA AMARAL . Manaus : [s.n], 2025.

44 f.: il.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Anexo.

Orientador: Maria celeste de Souza Cardoso .

1 . Ambiguidade . 2. Semântica . 3. Legião urbana . 4. Análise textual . 5. Música . I. Maria celeste de Souza Cardoso (Orient.) II.

Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

FELIPE VIANA AMARAL

A AMBIGUIDADE EM COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Me. Maria Celeste de Souza Cardoso (**Presidente** CESP/UEA)

Orientadora

Prof^ª. Me. Dilce Pio Nascimento (**Membro** CESP/UEA)

Prof. Me. Isaias dos Santos Cunha (**Membro** ICSEZ/UFAM)

PARINTINS-AM

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Jackeline, minha irmã Camila e ao meu pai Marcelo, por todo o amor e apoio. Dedico também a Manuela, por estar comigo em todos os momentos e ser a minha dupla dentro e fora da faculdade. Aos meus avós maternos Kiki e Nilda que sempre foram carinhosos nos dias em que me sentia desmotivado.

Dedico à minha orientadora Prof.^a Me. Maria Celeste por ter acreditado na minha proposta e me acompanhado com paciência ao longo de todo processo.

AGRADECIMENTOS

“Tenho andado distraído, impaciente e indeciso. Ainda estou confuso, só que agora é diferente. Estou tão tranquilo e tão contente.” (Legião Urbana – Quase Sem Querer). Esses versos resumem bem o que senti nesse processo. Foi solitário em muitos momentos, mas eu tive apoio. Agradeço, antes de tudo, a Deus, por me sustentar nos momentos difíceis e pelas bênçãos recebidas ao longo dessa caminhada. Agradeço também a São Jorge, São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora de Lourdes, por toda proteção e força espiritual.

Agradeço à professora mestra Maria Celeste de Sousa Cardoso, minha orientadora, por me acompanhar com paciência e me permitir trabalhar com liberdade. Agradeço também aos professores mestres Dilce Pio Nascimento e Isaías dos Santos Cunha por fazerem parte da banca e contribuírem com suas observações.

Agradeço à Manuela Costa, minha namorada, por estar comigo em todos os momentos, pelo apoio constante e por acreditar em mim mesmo quando eu estava inseguro. À minha mãe Jackeline, ao meu pai Marcelo e à minha irmã Camila, que mesmo nova, sempre tentou me ajudar de alguma forma. A minha família, quando percebeu que eu precisava de mais força, foi compreensiva e acolhedora.

Também agradeço aos meus familiares, principalmente às minhas tias, e aos meus amigos da faculdade David Gato, Manuela Costa e Naely Teixeira por estarmos juntos nesse caminho. Obrigado a todos que, de algum modo, fizeram parte disso.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a analisar como as ambiguidades são abordadas nas composições da banda Legião Urbana, destacando-se como elemento estruturante de sua linguagem poética. A escolha do tema decorre de uma admiração pessoal pela obra da banda e da relevância que suas letras apresentam no cenário musical e literário brasileiro, principalmente, pela complexidade de temas sociais, políticos e existenciais. O trabalho parte do pressuposto de que tais ambiguidades não são meramente estilísticas, mas funcionam como recurso expressivo e crítico, ampliando o potencial interpretativo das canções. O objetivo geral da pesquisa foi analisar de que forma as ambiguidades são abordadas em algumas composições da banda Legião Urbana sob a ótica da semântica, enquanto os objetivos específicos envolveram realizar um levantamento das composições da banda, verificar como as ambiguidades são abordadas nas composições selecionadas do grupo e mostrar os efeitos dessas ambiguidades na interpretação e recepção das canções pelos ouvintes. A pesquisa foi guiada por questões norteadoras que exploram a intencionalidade e os efeitos da ambiguidade nas composições, considerando-a como uma marca autoral de Renato Russo. A fundamentação teórica inclui autores como Saussure (2006), Ilari e Geraldi (2006), Bakhtin (2003), Santaella (1983; 2001), Jaus (1994) e Iser (1996). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, com análise textual de músicas selecionadas e aplicação de questionários em grupo focal remoto. O estudo busca valorizar a canção como forma de produção simbólica e refletir sobre a potência estética e comunicacional da ambiguidade no discurso poético-musical.

Palavras-chave: Ambiguidade. Semântica. Composições. Legião Urbana. Análise Textual.

ABSTRACT

This research aims to analyze how semantic ambiguities are addressed in the compositions of the Brazilian band Legião Urbana, highlighting them as a structuring element of its poetic language. The choice of this topic stems from a personal admiration for the band's work and from the relevance of its lyrics within the Brazilian musical and literary scene, especially due to the complexity of social, political, and existential themes. The study is based on the assumption that such ambiguities are not merely stylistic, but rather function as expressive and critical devices that expand the interpretative potential of the songs. The general objective of this research is to examine how these ambiguities manifest in the band's lyrics from a semantic perspective, while the specific objectives include identifying ambiguous songs, show the effects of these ambiguities on the interpretation and reception of songs by listeners. The research is guided by key questions that explore the intentionality and effects of ambiguity in the compositions, considering it a signature trait of Renato Russo's authorship. The theoretical framework includes authors such as Saussure (2006), Ilari and Geraldi (2006), Bakhtin (2003), Santaella (1983; 2001), Jauss (1994) and Iser (1996). Methodologically, the study adopts a qualitative approach, using textual analysis of selected songs and the application of questionnaires in a remote focus group. The research seeks to highlight the song as a form of symbolic production and to reflect on the aesthetic and communicative power of ambiguity in poetic-musical discourse.

Keywords: Ambiguity. Semantics. Legião Urbana. Textual Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	45
CAPÍTULO I: AMBIGUIDADES NAS COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA.....	47
1.1 SEMÂNTICA: DEFINIÇÕES, ABORDAGENS E IMPORTÂNCIA	47
1.2 AMBIGUIDADE: CONCEITOS E UTILIZAÇÕES.....	50
1.3 A AMBIGUIDADE EM MÚSICAS E POESIAS	52
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
2.1 OBJETO DA PESQUISA	57
2.2 MÉTODO DE ABORDAGEM E MÉTODO DE PROCEDIMENTO.....	57
2.3 TÉCNICAS UTILIZADAS.....	57
2.4 SUJEITOS DA PESQUISA	58
2.5 CONTEXTO DA PESQUISA	58
2.6 FUNDAMENTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	58
2.7 LEVANTAMENTO DAS MÚSICAS	22
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	60
3.1 GRUPO FOCAL	61
3.2 PERFIL DOS OUVINTES.....	62
3.3 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	63
3.4 DEFINIÇÕES PESSOAIS DE AMBIGUIDADE	67
3.4.1 Interpretação dos versos ambíguos	68
3.4.2 Ambiguidade como recurso emocional e afetivo	69
3.4.3 A intencionalidade da ambiguidade	70
3.5 AMBIGUIDADE, VOZ SOCIAL E RECEPÇÃO CRÍTICA	70
3.6 A AMBIGUIDADE DA VOZ: ENTRE O AUTOR, A PERSONA E O OUVINTE.....	72
3.7 AMBIGUIDADE E PERMANÊNCIA: PORQUE CONTINUAMOS OUVINDO LEGIÃO URBANA	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

A linguagem é um fenômeno complexo, que ultrapassa sua função meramente comunicativa e se constitui como um instrumento de construção simbólica, social e subjetiva da realidade. Inserida nesse vasto campo de possibilidades, a ambiguidade revela-se como um recurso expressivo de grande valor, capaz de condensar múltiplos sentidos em uma mesma enunciação. Quando observada no contexto da música popular brasileira, especialmente nas letras da banda Legião Urbana, a ambiguidade torna-se elemento central para a construção da poética, da crítica e da identificação do público com as canções. Nesse contexto, este trabalho propõe-se a analisar as ambiguidades semânticas presentes nas composições da Legião Urbana sob a perspectiva da semântica, buscando compreender como esses recursos linguísticos afetam a interpretação e a recepção das músicas por seus ouvintes.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar de que forma as ambiguidades são abordadas nas composições da banda Legião Urbana sob a ótica da semântica. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) realizar um levantamento das músicas que apresentam ambiguidade; (2) verificar como essas ambiguidades são construídas nas letras; e (3) mostrar o impacto delas na interpretação e recepção das canções pelos ouvintes. A partir dessas metas, formularam-se as questões norteadoras: As ambiguidades nas composições da Legião Urbana são empregadas de maneira deliberada? Tais ambiguidades servem apenas a fins estilísticos ou cumprem funções mais amplas, como a crítica social e a expressão de conflitos existenciais? Como os ouvintes percebem e interpretam essas ambiguidades?

A escolha do tema surgiu da admiração pessoal pela obra da Legião Urbana, cuja produção artística sempre despertou interesse pelas letras densas, ambíguas e reflexivas. As composições de Renato Russo não apenas marcaram a história do rock nacional, como também revelam sofisticação poética e engajamento crítico. Justifica-se, portanto, esta pesquisa pela necessidade de explorar a riqueza interpretativa das canções da banda, valorizando a canção como forma legítima de produção simbólica e poética. Em tempos de discursos simplistas e leituras apressadas, investigar a ambiguidade se torna um exercício de resistência intelectual e sensível.

A relevância desta pesquisa está em contribuir para o campo dos estudos linguísticos e literários, especialmente no que diz respeito à relação entre semântica, ambiguidade e recepção estética. As letras da Legião Urbana são amplamente reconhecidas por sua complexidade temática, abordando questões como política, afetividade, juventude, espiritualidade, identidade

e morte. Por isso, compreender como a ambiguidade é construída e interpretada nessas letras é também compreender parte do imaginário social brasileiro contemporâneo.

O referencial teórico fundamenta-se em autores da linguística, da análise do discurso e da estética da recepção, como Ferdinand de Saussure (2006), Ilari e Geraldi (2006), Lúcia Santaella (1983; 2001), William Empson (1930), Wolfgang Iser (1996), Hans Robert Jauss (1994), Umberto Eco (1992), Mikhail Bakhtin (2003), Antônio Cândido (2004), Paulo Franchetti (2006) e Zuza Homem de Mello (2008). Esses estudiosos auxiliam na compreensão de como a linguagem ambígua atua como ferramenta de construção simbólica e de ativação interpretativa.

A metodologia adotada foi a abordagem qualitativa, com base em duas frentes principais: a análise textual de canções selecionadas da banda Legião Urbana e a realização de um grupo focal remoto, no qual ouvintes foram convidados a interpretar versos ambíguos por meio de questionário com perguntas abertas. Essa abordagem possibilitou observar como os sentidos atribuídos às letras variam conforme as experiências de vida, os contextos sociais e a memória afetiva de cada participante.

Este trabalho, ao analisar as ambiguidades nas composições da banda Legião Urbana sob a perspectiva da semântica, dedicou ao terceiro capítulo à escuta interpretativa de um grupo focal, composto por ouvintes que demonstram forte vínculo afetivo com a obra da banda. Através da aplicação de questionários com perguntas abertas, observou-se que tais ambiguidades são percebidas como recursos expressivos intencionais, utilizados por Renato Russo para provocar múltiplas interpretações, promover a reflexão crítica e suscitar envolvimento emocional. Versos ambíguos como “Teu corpo é o meu espelho e em ti navego” e “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê” revelaram-se particularmente eficazes para ativar memórias, experiências pessoais e ressignificações profundas. O capítulo confirmou, com apoio em teóricos como Iser (1994), Jauss (1996), Bakhtin (2003) e Santaella (1983; 2001), que a ambiguidade não é um ruído, mas uma potência estética e comunicativa que amplia o alcance simbólico das letras.

Nas considerações finais, conclui-se que a linguagem ambígua da banda opera como uma ponte entre autor e ouvinte, transformando a escuta em leitura do mundo, e que sua permanência no imaginário coletivo se deve justamente à abertura interpretativa das letras, que continuam a dialogar com diferentes gerações e contextos históricos. Assim, a pesquisa reafirma o valor da canção popular como forma legítima de expressão literária e crítica social.

CAPÍTULO I: AMBIGUIDADES NAS COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA

1.1 SEMÂNTICA: DEFINIÇÕES, ABORDAGENS E IMPORTÂNCIA

Segundo Saussure (2006, p. 24), “a semântica é o ramo da linguística que estuda o significado das palavras, frases e textos, considerando como esses significados são construídos e interpretados em contextos variados”. Como apontam Ilari e Geraldi (2006, p. 71), “a linguagem não é um reflexo estático da realidade, mas um instrumento dinâmico que molda e é moldado pela sociedade”. Essa característica dinâmica da linguagem torna a semântica indispensável para análises linguísticas, sociais e culturais.

O linguista Saussure (2006), pioneiro no estudo estruturalista, define a linguagem como um sistema de signos constituído por uma relação entre significante (a forma sonora ou gráfica) e significado (o conceito associado a essa forma). Para Saussure (2006), “o signo linguístico é arbitrário, mas sua relação no sistema é que possibilita a comunicação” (apud Ilari; Geraldi, 2006, p. 45).

A semântica, enquanto ramo da linguística voltado para o estudo dos significados, pode ser compreendida a partir de diversas abordagens teóricas. Uma delas é a semântica formal, que se apoia em estruturas lógico-matemáticas para explicar como os significados são construídos nas sentenças. Nesse sentido, Ferreira (2019) afirma que a semântica é o estudo do significado e destaca que a semântica formal é o estudo do significado através do uso de ferramentas e técnicas lógico-matemáticas. Essa definição evidencia a tentativa dessa abordagem de sistematizar o significado de forma objetiva e precisa. Complementando essa visão, Ilari e Geraldi (2006, p. 71) explicam que “a fala cria uma nova situação, não se limita a constatar-la”, isso sugere que, embora a semântica formal busque precisão lógica, ela também reconhece o potencial da linguagem para construir realidades — não apenas descrevê-las. Assim, percebe-se que essa vertente da semântica considera tanto a forma estrutural da linguagem quanto sua capacidade de agir no mundo.

Segundo Ferreira, a semântica formal é o estudo do significado através do uso de ferramentas e técnicas lógico-matemáticas, abordagem que considera que a fala cria uma nova situação, não se limita a constatar, apontando para o caráter performativo da linguagem. Essa visão da linguagem como um instrumento dinâmico, que molda e é moldado pela sociedade, torna a semântica indispensável para análises linguísticas, sociais e culturais. Ao compreender a linguagem como um sistema de signos arbitrários, mas relacionais, a semântica formal contribui para a compreensão de como

os significados são construídos e reconstruídos em diferentes contextos, revelando o poder da linguagem na constituição da realidade (Andrade, 2019, p. 11).

Este entendimento da linguagem como um agente transformador, e não apenas descritivo, revela uma dimensão essencial da semântica que transcende o modelo estruturalista tradicional. A semântica estruturalista, foca nas relações internas da língua, tratando-a como um sistema fechado de signos. No entanto, ao conjunto de signos a serem interpretados dentro de um sistema fixo; ela também possui uma função performativa que pode alterar a própria realidade. O conceito de atos de fala, em que o enunciado cria ou modifica uma situação, destaca que a interpretação da linguagem deve considerar o contexto social e as intenções do locutor. Isso coloca em xeque a ideia de uma linguagem puramente objetiva, e aponta para a necessidade de uma semântica que leve em conta o impacto da fala no mundo real. Portanto, a semântica não pode ser vista apenas como uma análise dos significados das palavras em isolamento, mas como uma análise das interações dinâmicas entre linguagem e contexto, onde a língua não só reflete, mas também cria a realidade social e discursiva.

Já a semântica cognitiva, abordagem mais recente, investiga a interrelação entre pensamento e linguagem. Jackendoff (1985, apud Gomes, 2003, p. 93) destaca que “a linguagem é uma manifestação do pensamento humano, mas sua estrutura influencia diretamente a forma como os conceitos são organizados”. Essa perspectiva sugere que a linguagem não é apenas um reflexo, mas também uma ferramenta ativa na modelagem da realidade.

Na área da Semântica, alguns conceitos são essenciais para a compreensão das relações de sentido na língua. Um deles é a sinonímia, que trata de palavras com significados semelhantes, e a antonímia, referente a termos com sentidos opostos. De acordo com Bechara (2009), essas relações semânticas são fundamentais para a variação lexical e para o entendimento preciso de textos em diferentes contextos. Já a hiperonímia e a hiponímia estabelecem relações hierárquicas entre palavras; por exemplo, “animal” é hiperônimo de “cachorro”, que é um hipônimo. Para Cegalla (2008), esse tipo de relação permite organizar o vocabulário em níveis de generalidade, favorecendo a clareza e a precisão nas produções linguísticas.

Outro conceito importante é o de denotação e conotação. A denotação está relacionada ao sentido literal da palavra, enquanto a conotação envolve significados subjetivos ou simbólicos, dependendo do contexto. Possenti (1990) compreende que essa distinção é essencial em análises textuais e literárias, pois muitas vezes o autor se vale de sentidos figurados para construir múltiplas camadas de interpretação. Por fim, a ambiguidade se apresenta quando

uma palavra ou expressão admite mais de uma leitura. Koch (2015) afirma que a ambiguidade pode ocorrer tanto por causas lexicais quanto estruturais, sendo explorada de forma estética na literatura e na música para provocar reflexão, duplo sentido ou surpresa no leitor. Essa riqueza semântica amplia o potencial expressivo da linguagem e desafia o leitor a participar ativamente da construção de sentidos.

Neste contexto, o estudo da Semântica é crucial para diversas áreas do conhecimento, como a educação, a análise de textos literários e a comunicação interpessoal. No âmbito educacional, ela ajuda os alunos a desenvolverem sensibilidade para as múltiplas possibilidades de interpretação de textos. Gomes (2003, p. 45) enfatiza que “o significado não é estático; ele varia conforme o contexto, o histórico e a situação de enunciação”. Essa variação torna a semântica uma ferramenta poderosa para desvelar os múltiplos sentidos de palavras e expressões.

Na literatura, a Semântica possibilita uma leitura mais profunda e enriquecedora de obras que utilizam ambiguidades, metáforas e outros recursos estilísticos. Segundo Ilari e Geraldi (2006, p. 71), “a análise semântica não apenas descobre significados implícitos, mas também revela as intenções do autor e as possibilidades interpretativas oferecidas ao leitor”.

Por fim, no campo da música, a Semântica exerce um papel essencial ao possibilitar a interpretação de letras de canções que utilizam ambiguidades e jogos de sentido. Esse tipo de manifestação artística frequentemente se vale de recursos linguísticos que expandem o campo de significação do texto, como a conotação, a polissemia, as metáforas e os implícitos. Assim, a letra de uma canção não se limita a transmitir uma mensagem direta e unívoca; ao contrário, ela muitas vezes propõe uma rede de significados em aberto, permitindo interpretações diversas e, por vezes, até contraditórias.

Nesse sentido, a ambiguidade não é vista como falha, mas como um recurso expressivo valioso. Para Koch (2015), é justamente a possibilidade de múltiplas leituras que torna o texto mais rico e dialogal. Essa abertura semântica provoca o ouvinte a buscar sentidos, associar experiências pessoais e construir significados próprios a partir da escuta. Além disso, como aponta Bakhtin (2003), toda palavra carrega em si uma multiplicidade de vozes e intenções — o que ele chama de dialogismo. Aplicado à linguagem musical, esse conceito reforça a ideia de que a compreensão de uma canção envolve diferentes dimensões sociais, culturais e subjetivas.

O campo da canção popular, portanto, apresenta um ambiente fértil para a atuação da ambiguidade como fenômeno semântico. As nuances de sentido presentes nas letras aproximam a linguagem musical da linguagem poética, na medida em que ambas exploram os limites e as possibilidades da significação. A experiência estética proporcionada por esse tipo de

composição depende justamente dessa abertura interpretativa, que transforma o ouvinte em coautor do sentido. Como ressalta Mario de Andrade, “estamos procurando conformar a produção humana do país com a realidade nacional” (Andrade, 1977p. 4) o que evidencia a importância de arte conforme a vivência coletiva do povo.

Dessa maneira, estudar os efeitos da ambiguidade no discurso musical permite compreender como a linguagem opera de forma estética, simbólica e subjetiva. Tal abordagem é especialmente relevante quando se busca compreender canções que possuem uma carga poética elevada e que mobilizam recursos semânticos complexos para construir sua expressividade como é possível observar em diversas produções da música popular brasileira.

1.2 AMBIGUIDADE: CONCEITOS E UTILIZAÇÕES

A ambiguidade é um fenômeno linguístico que ocorre quando uma palavra, expressão ou estrutura apresenta mais de um significado possível, dependendo do contexto de uso ou da interpretação do interlocutor. Segundo Bakhtin, “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes equipolentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski” (Bakhtin, 2008, p. 17). Essa perspectiva revela que, em vez de um único ponto de vista dominante, há um constante embate e entrelaçamento de diferentes consciências, cada uma com seu próprio valor e autonomia. Com isso, o significado deixa de ser algo estático e se torna uma construção viva, sempre negociada entre essas vozes. A ambiguidade, portanto, não é um desvio ou ruído, mas parte essencial do processo de significação dialógica.

A ambiguidade é uma característica inerente à linguagem, pois o significado de uma mensagem depende do contexto de produção e recepção. Eles destacam que a interpretação do discurso varia com as diferentes experiências e perspectivas dos interlocutores. Esse conceito é central para a semântica e pragmática, áreas que analisam como os sentidos emergem em situações concretas de uso da língua (Koch; Travaglia, 2003, p. 53).

Essa reflexão é fundamental para compreender fenômenos linguísticos complexos, pois evidencia que a interpretação de uma mensagem nunca é fixa ou universal e, nesse ponto, é especialmente relevante em análises de textos artísticos como canções ou poemas, onde a ambiguidade pode ser utilizada intencionalmente possibilitando múltiplos sentidos e promove uma identificação mais ampla do público com interpretações variadas.

No âmbito da linguística, a ambiguidade pode ser definida como a “propriedade de uma unidade linguística ou de uma construção que admite interpretações distintas” (Ilari; Gerdali, 2006, p. 92). Esse fenômeno pode ser tanto lexical quanto estrutural, como por exemplo: a ambiguidade lexical ocorre quando uma palavra isolada apresenta múltiplos significados. A ambiguidade lexical ocorre quando uma mesma palavra pode assumir diferentes significados dependendo do contexto. Um exemplo clássico é a palavra “banco”, que pode referir-se tanto a uma instituição financeira quanto a um assento. Esse fenômeno é conhecido como polissemia, e Cegalla (2008, p. 313) explica que “uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato linguístico dá-se o nome de polissemia”. Já a ambiguidade estrutural está relacionada à organização sintática das palavras, possibilitando interpretações distintas de uma mesma frase. A sentença “o policial viu o ladrão com o binóculo”, por exemplo, pode indicar tanto que o policial usava o binóculo quanto que o ladrão estava com ele.

Além disso, a ambiguidade pode ser intencional ou não intencional. No caso da literatura e da música, é frequentemente usada como recurso estilístico para gerar efeitos interpretativos complexos, enquanto em textos jurídicos ou científicos pode causar problemas de clareza e interpretação. A utilização da ambiguidade na linguagem não se limita a dificuldades ou ruídos comunicativos; ao contrário, ela pode ser empregada como ferramenta expressiva para enriquecer o discurso. Conforme explica Gomes (2003, p. 78), “a ambiguidade, quando deliberada, serve para provocar reflexões, desafiar interpretações unívocas e ampliar o alcance semântico de uma mensagem.

Na literatura e na música, a ambiguidade é frequentemente explorada como um recurso expressivo capaz de ampliar os sentidos de uma mensagem. Na linguagem poética, por exemplo, a escolha por construções ambíguas muitas vezes não é fruto do acaso, mas uma estratégia estilística para provocar diferentes interpretações. Cegalla (2008, p. 641) observa que a poesia é marcada por uma linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, “bela e indefinível como o mundo interior do poeta”, voltada à produção de um efeito estético. Esse caráter indefinido da linguagem poética favorece o uso de ambiguidade deliberada, isto é, intencional, para criar camadas de significado.

Em situações cotidianas ou em textos técnicos, a ambiguidade pode surgir de maneira acidental, comprometendo a clareza da comunicação. Por outro lado, há ainda os casos em que a ambiguidade depende do contexto para ser resolvida, exigindo do leitor ou ouvinte um esforço interpretativo. Koch (2003, p. 57) destaca que, diante de estruturas ambíguas, “torna-se preciso recorrer ao nosso conhecimento de mundo e do contexto sociocultural em que nos encontramos inseridos” para que o sentido seja compreendido adequadamente. Esses diferentes usos da

ambiguidade revelam não apenas sua presença recorrente na linguagem, mas também sua relevância na construção dos sentidos, principalmente quando a intenção é tocar o leitor de maneira mais subjetiva e simbólica.

O estudo da ambiguidade tem implicações importantes para várias áreas do conhecimento, como a linguística, a semiótica e a análise do discurso. Sua compreensão é essencial para avaliar a riqueza e os limites do significado linguístico. Segundo Saussure (2006), “o significado de um signo não está em sua relação com um referente externo, mas em sua posição no sistema linguístico” (apud Ilari; Geraldi, 2006, p. 45). Essa perspectiva estruturalista evidencia que a ambiguidade não é uma falha, mas uma possibilidade intrínseca à língua. Além disso, a ambiguidade desafia a interpretação linear dos textos, convidando o receptor a participar ativamente do processo de construção de sentido. Como aponta Eco (1992, p. 62), “um texto é um campo de possibilidades interpretativas, e sua ambiguidade pode ser uma forma de liberdade semântica”.

No ensino, a análise de ambiguidades ajuda os alunos a desenvolverem habilidades interpretativas, essenciais para a leitura crítica de textos literários e não literários. Na música e na literatura, a ambiguidade enriquece a experiência estética e promove a interação criativa entre autor e público. Já em campos como o direito ou a ciência, sua eliminação é crucial para garantir precisão e evitar interpretações dúbias.

A ambiguidade, como fenômeno linguístico revela-se uma característica multifacetada e intrínseca à linguagem, enriquecendo a comunicação e permitindo uma variedade de interpretações que se entrelaçam com o contexto e as experiências dos interlocutores. A análise apresentada destaca que a ambiguidade não se limita a um obstáculo na comunicação, mas é, na verdade, uma ferramenta poderosa, usada em áreas como literatura, música e etc.

Ademais, a ambiguidade desafia a linearidade das interpretações textuais, convidando o leitor a um papel ativo no processo de construção de sentido. Essa dinâmica é essencial para o desenvolvimento de habilidades interpretativas, ao reconhecer a ambiguidade como uma possibilidade linguística, não apenas ampliamos o entendimento sobre a linguagem, mas também valorizamos a riqueza da experiência comunicativa em suas múltiplas facetas.

1.3 A AMBIGUIDADE EM MÚSICAS E POESIAS

A ambiguidade é um recurso característico central em manifestações artísticas como a música e a poesia, proporcionando um papel essencial na criação de múltiplos significados.

Trata-se de um recurso que convida o receptor seja ouvinte ou leitor a participar ativamente do processo interpretativo, preenchendo lacunas e explorando as nuances das expressões artísticas.

Na música, a ambiguidade não está vinculada a significados concretos, mas sim à capacidade de evocar sensações, emoções e estados físicos. “A música não possui nem o valor intelectual direto da palavra, nem o valor objetivo direto do gesto. Os valores dela são diretamente dinâmicos e apenas isso. Valores que criam dentro do corpo estados cinestésicos novos” (Andrade, 1972, p. 42). O autor observa que a música opera em um nível dinâmico, criando experiências que ultrapassam o valor intelectual ou objetivo direto.

Adorno (2011), ao investigar os comportamentos de escuta sob a ótica da sociedade contemporânea, propõe uma análise crítica dos tipos de ouvintes formados no interior das estruturas sociais. Como ele afirma, “ocupar-me-ei teoricamente dos comportamentos típicos de escuta musical sob as condições da sociedade atual” (Adorno, 2011, p. 55), sinalizando que o ato de ouvir música não é neutro, mas está profundamente condicionado por fatores sociais e culturais. Para tanto, ele delimita tipos ideais que não são meramente arbitrários, mas “pontos de cristalização determinados por considerações fundamentais sobre a Sociologia da Música” (p. 55), revelando que tais categorias dizem respeito não apenas ao gosto, mas também à posição do sujeito no sistema cultural. Um aspecto fundamental, segundo o autor, é que não se deve presumir um gradiente linear entre ouvintes mais ou menos capacitados; ao contrário, “tais contradições e oposições também são refletidas na própria natureza da escuta musical, bem como nos hábitos de escuta” (p. 55).

Essa complexidade se manifesta, por exemplo, no tipo de ouvinte que, embora não seja especialista, consome música de forma intensa: “escuta muito, e, sob certas circunstâncias, de modo incessante; é bem informado e coleciona discos” (Adorno, 2011, p. 63). Esse ouvinte valoriza a música como símbolo de cultura, pois “respeita a música como um bem cultural, a cujo usufruto também ele quer se ligar” (p. 63), e faz da escuta um campo discursivo, visto que “interpreta, resume, compara; transforma a música em assunto de suas conversas” (p. 63). Esses comportamentos evidenciam uma dimensão social da música em que a escuta ultrapassa o prazer estético e se converte em prática de distinção simbólica, sendo atravessada por ideologias, memórias coletivas e pertencimentos.

É impossível para a música expressar (contar) o verso: 'Tanto era bela no seu rosto a morte'. Mas ela pode criar uma cinestesia relativa ao passo do Uruguai. Ambientar musicalmente o ouvinte de forma a permitir, pela sugestão da dinâmica, uma perceptibilidade mais vivida, mais geral, mais físico-psíquica do poema (Andrade, 1972, p. 43).

Assim, a música, ao explorar ambiguidades, propõe um diálogo com o ouvinte, oferecendo uma experiência sensorial mais ampla que ultrapassa a palavra. A ambiguidade é

igualmente central na poesia, frequentemente manifestando-se por meio de metáforas, polissemias e construções que rompem com a rigidez do discurso literal. Ao desafiar interpretações únicas, a poesia cria espaços de interação com o leitor, que se torna parte do processo de construção do significado. Essa relação é ainda mais intensa em contextos poéticos que dialogam com elementos culturais e históricos como dito por Mário de Andrade que “os elementos ameríndios servem sim, pois existe no brasileiro uma porcentagem forte de sangue guarani. E o documento ameríndio, propriedade nossa, mancha agradavelmente de estranheza e de encanto soturno a música da gente” (Andrade, 1977, p. 30), o qual reflete sobre a influência de traços culturais na arte brasileira.

Na poesia, essa “mancha de estranheza” é representada pelo uso de imagens poéticas que, muitas vezes, se distanciam da lógica direta. O jogo de sentidos estimula o leitor a interpretar, resignificar e, muitas vezes, sentir o texto mais do que entendê-lo objetivamente. Quando música e poesia dialogam, a ambiguidade se amplifica. Elementos poéticos presentes nas letras musicais exploram o potencial da linguagem para criar experiências sensoriais e interpretativas, enquanto as composições musicais dão um novo ritmo à polissemia da poesia.

No contexto das músicas, a ideia de ambiguidade ganha relevância a partir das reflexões de Antonio Candido sobre como a literatura (e, por extensão, as expressões artísticas) reflete e interpreta a realidade social. Em *Formação da Literatura Brasileira*, Candido (2004) enfatiza que uma obra literária não existe isoladamente, mas sim em diálogo com as condições históricas, sociais e culturais. Essa perspectiva pode ser aplicada à análise das letras da Legião Urbana, que frequentemente apresentam ambiguidades como um reflexo das contradições e complexidades da sociedade brasileira.

Candido (2004) também aponta que a literatura, ao incorporar ambiguidades, pode expor as contradições da sociedade sem resolvê-las, mas sim problematizando-as. Essa reflexão se encaixa perfeitamente na análise das composições da Legião Urbana, que frequentemente deixam ao ouvinte a tarefa de decifrar significados e de confrontar realidades implícitas nas letras.

Lúcia Santaella, em sua obra “O que é Semiótica” (1983), fornece uma análise fundamental sobre o papel dos signos e a construção de significados múltiplos. Ela destaca que os signos não são entidades fixas, mas dinâmicas, com a capacidade de gerar diferentes interpretações, dependendo do contexto e do repertório do leitor. Isso é especialmente relevante quando pensamos em como a ambiguidade é explorada na literatura e na música. A autora argumenta que a ambiguidade não deve ser vista como um defeito da linguagem, mas sim como uma característica que torna a comunicação mais rica e aberta ao diálogo. Ela afirma: “A

ambiguidade não é um defeito da linguagem, mas uma qualidade que a torna viva e aberta ao diálogo” (Santaella, 1983, p. 51).

A ambiguidade, segundo Santaella (1983), permite que um signo carregue múltiplos sentidos, algo que é essencial para a criação de um texto literário ou musical que convide à interpretação e à reflexão contínua. Essa multiplicidade de significados é o que faz com que um texto não se esgote em uma única leitura, mas permaneça aberto a novas interpretações ao longo do tempo.

Além disso, a autora enfatiza que o contexto de enunciação é crucial para determinar como os signos são interpretados. Ela observa que, ao interagir com o mundo e com outros signos, a linguagem se torna um espaço de constante negociação de significados, sendo o significado sempre provisório e dependente da interpretação do receptor. No caso das músicas da Legião Urbana, o contexto social e histórico em que foram produzidas influencia diretamente como suas letras podem ser lidas, sendo interpretadas de maneiras distintas por diferentes gerações ou grupos.

No contexto da música enquanto linguagem artística, a ideia de ambiguidade ganha relevância a partir das reflexões de Candido (2004) sobre como a literatura — e, por extensão, outras formas de expressão simbólica — reflete e interpreta a realidade social. Essa multiplicidade de significados é o que faz com que um texto, literário ou musical, não se esgote em uma única leitura, mas permaneça aberto a novas interpretações ao longo do tempo.

Contudo, é necessário reconhecer que a linguagem artística não se limita apenas à função de representação ideológica ou à denúncia de fraturas sociais. Barthes (2004, p. 35) critica esse reducionismo ao afirmar que “todas as análises socioideológicas concluem pelo caráter deceptivo da literatura”, como se ela fosse apenas a expressão de grupos derrotados, desiludidos ou impotentes frente à história. Para ele, esse tipo de leitura hermenêutica esquece aquilo que há de mais visceral no texto: a fruição.

Barthes (2004) enfatiza que, para além do significado, existe o prazer um prazer que pode “explodir, através dos séculos, fora de certos textos escritos, entretanto, para a glória da mais sombria, da mais sinistra filosofia” (Barthes, 2004, p. 35). Ou seja, por mais que um texto esteja enraizado em um contexto histórico ou cultural específico, ele pode ultrapassar esse momento e produzir um efeito sensível e duradouro, que não depende de uma interpretação unívoca. Isso se verifica, inclusive, na recepção de obras musicais cujos sentidos ambíguos embora referidos a determinadas circunstâncias sociais continuam ressoando emocionalmente em diferentes públicos e épocas.

O autor também afirma que “escrevo porque não quero as palavras que encontro: por subtração. E, ao mesmo tempo, esta penúltima linguagem é a de meu prazer. Isto é o meu prazer, mas não a minha fruição: esta só tem possibilidade de aparecer com o novo absoluto, pois só o novo abala (infirmo) a consciência” (Barthes, 2004, p. 49). Aqui, ele propõe um deslocamento da linguagem convencional aquela carregada de ideologia e previsibilidade em direção a uma linguagem do desejo, do abalo, da fruição. Quando obras musicais desconstruem sentidos, confundem sujeitos, misturam tempos verbais ou abrem espaço para múltiplas leituras, elas se aproximam dessa ideia de “novo absoluto”, que desestabiliza a consciência e provoca não apenas entendimento racional, mas também uma experiência estética e emocional.

Ao pensarmos a ambiguidade na linguagem musical, é fundamental compreender que ela não serve apenas para representar o mundo ou denunciar suas contradições, mas também para criar uma experiência sensível e singular muitas vezes inominável — que toca o ouvinte, que o desinstala, que o envolve. É nesse jogo entre linguagem e desejo, entre o dito e o não-dito, que reside a força da fruição.

Portanto, ao refletir sobre a ambiguidade em expressões literárias como a música, podemos concluir que a ambiguidade nas composições musicais e em outros textos culturais não deve ser vista como uma falha na comunicação, mas como um recurso que enriquece o diálogo entre autor, texto e público. A ambiguidade, como recurso semiótico, permite a criação de camadas de significado que tornam a obra mais envolvente, complexa e aberta a diversas leituras, refletindo as complexidades da experiência humana e social.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 OBJETO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as ambiguidades semânticas presentes nas letras de músicas da banda Legião Urbana e sua recepção pelos ouvintes. O estudo analisa como essas ambiguidades atuam na construção de sentidos e na experiência estética, a partir da escuta e interpretação de composições com alto grau de polissemia e complexidade textual.

2.2 MÉTODO DE ABORDAGEM E MÉTODO DE PROCEDIMENTO

O método de abordagem adotado foi o qualitativo dialógico, com ênfase na análise da linguagem como espaço de interação entre diferentes vozes. A escolha fundamenta-se na concepção de que os sentidos das músicas não são fixos, mas construídos na relação entre o texto e o ouvinte. A perspectiva dialógica, baseada em Mikhail Bakhtin, reconhece que cada escuta e interpretação é um encontro de discursos, marcado por contexto, subjetividade e historicidade.

O método de procedimento foi a análise textual interpretativa, com base nos princípios da semântica, da pragmática e da estética da recepção. Utilizou-se também uma análise de conteúdo temática, aplicada às respostas dos participantes nos grupos focais e nos questionários. A investigação buscou identificar categorias de sentido associadas às ambiguidades e observar como os ouvintes interagiram com essas construções linguísticas. Este método exige sensibilidade e preparo por parte do pesquisador, já que as falas dos participantes tendem a ser marcadas por subjetividade, contradições e múltiplos sentidos (Bardin, 2011).

2.3 TÉCNICAS UTILIZADAS

Foram adotadas as seguintes técnicas:

A Pesquisa bibliográfica, para fundamentação teórica, com levantamento de obras sobre semântica, pragmática, teoria da canção popular, estética da recepção e análise literária. Articulada com a análise documental, por meio da leitura interpretativa de letras musicais selecionadas. A pesquisa bibliográfica reúne os principais trabalhos já realizados sobre o tema investigado e ajuda o pesquisador no fornecimento de dados atuais e relevantes para a pesquisa (Lakatos; Marconi, 2003).

O Grupo focal, formado por ouvintes assíduos, com mediação conduzida por meio de aplicativo de mensagens para a aplicação de questionário com perguntas abertas, visando explorar a percepção subjetiva dos participantes sobre as ambiguidades nas letras. Nesse sentido, Gil (2008) esclarece que a elaboração do questionário tem como intuito traduzir os objetivos específicos propostos na pesquisa em questões claras e bem redigidas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, opiniões, interesses etc.

A Análise de Conteúdo foi aplicada aos dados coletados no grupo focal e nos questionários aplicados. Conforme Bardin (2011), os discursos nem sempre seguem uma linearidade lógica, podendo apresentar digressões, lacunas e ambiguidades, o que demanda do analista uma escuta atenta e uma abordagem interpretativa capaz de captar essa complexidade. A autora destaca ainda que, mais do que apenas aplicar modelos fixos, é necessário compreender os múltiplos significados a partir da fala singular de cada indivíduo, em uma atitude de empatia e abertura.

2.4 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram ouvintes com familiaridade e interesse por música popular brasileira. A seleção dos participantes foi feita de forma intencional, buscando diversidade de faixas etárias e contextos socioculturais. O grupo foi formado por meio de convite direto e interações em redes sociais, reunindo apreciadores da linguagem musical da banda Legião Urbana dispostos a refletir sobre os sentidos das letras analisadas.

2.5 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas principais: a análise textual de letras musicais com forte presença de ambiguidade, e a escuta ativa dos ouvintes por meio dos grupos focais. O ambiente de coleta foi digital, utilizando o WhatsApp como ferramenta para facilitar a participação e promover um espaço de troca espontânea e dinâmica. As interações foram registradas, transcritas e analisadas à luz do referencial teórico apresentado.

2.6 FUNDAMENTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fundamentação metodológica está baseada nos princípios da pesquisa qualitativa, que valoriza a compreensão em profundidade de fenômenos sociais e culturais. De acordo Bogdan

e Biklen (1994), esse tipo de investigação envolve a inserção do pesquisador no ambiente estudado, buscando compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências e práticas.

A linguagem musical foi analisada como prática simbólica e estética, capaz de produzir múltiplos efeitos de sentido. A ambiguidade foi observada como recurso de construção de sentidos, cuja recepção varia de acordo com os sujeitos e seus contextos. Assim, os procedimentos adotados permitiram articular análise textual e escuta do público, integrando os níveis semântico, pragmático e interpretativo da linguagem artística.

2.7 LEVANTAMENTO DAS MÚSICAS

As músicas foram selecionadas a partir de um estudo voltado para quais composições traziam mais elementos voltado para a pesquisa visando assim mais resultados a serem colhidos, pensa.do nisso, foram selecionadas cinco músicas de um mesmo álbum para não ter um recorte entre as composições e assim facilitando o momento de lançamento das músicas e as reflexões nelas trazidas

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Com o objetivo de compreender a recepção das composições da banda Legião Urbana por parte de seus ouvintes em especial no que diz respeito às ambiguidades presentes nas letras foi elaborado e aplicado um questionário composto por onze perguntas abertas. A escolha por esse formato partiu da intenção de favorecer uma escuta mais livre, subjetiva e profunda, permitindo que os participantes articulassem suas impressões, sentimentos e interpretações sem a limitação de alternativas predefinidas. Essa abertura é fundamental em uma investigação centrada na ambiguidade, uma vez que tal característica textual exige, por definição, múltiplas possibilidades de leitura.

A pesquisa foi realizada por meio de um grupo focal previamente organizado com ouvintes que demonstram familiaridade afetiva e interpretativa com o repertório da banda. Durante os encontros mediados por aplicativo de mensagens, os participantes responderam individualmente ao questionário, ainda que inseridos em um espaço coletivo de escuta e partilha. Esse modelo híbrido que combina autonomia na resposta com pertencimento ao grupo proporcionou uma coleta rica, favorecendo tanto a espontaneidade quanto a reflexão. Em alguns momentos, surgiram breves trocas entre os participantes, o que também contribuiu para observar como certas interpretações são compartilhadas, reafirmadas ou contestadas em meio a experiências distintas.

Após a aplicação, procedeu-se à organização integral das respostas, etapa que possibilitou uma análise qualitativa detalhada. O foco dessa análise não esteve em mensurar frequência de respostas, mas em captar nuances, repetições simbólicas, divergências e zonas de afeto ou de conflito nas leituras dos ouvintes. O procedimento metodológico adotado permitiu observar como os sentidos atribuídos às canções estão diretamente ligados às experiências de vida, aos contextos sociais, aos valores individuais e à memória afetiva de cada participante aspectos centrais para uma abordagem hermenêutica da recepção estética.

Esse recorte metodológico se sustenta na ideia de que a canção, assim como o texto literário, não é um objeto fechado de sentido, mas uma proposta interpretativa aberta, conforme defendem autores como Jauss (1994) e Iser (1996). Ao privilegiar a subjetividade e o contexto do ouvinte, a pesquisa aproxima-se da compreensão de que a escuta é também leitura e que o gesto de escutar, especialmente quando atravessado por ambiguidades, envolve a projeção de

experiências, a ativação de memórias e a construção de significados que não pertencem apenas ao autor, mas sobretudo a quem recebe a obra. Assim, a metodologia aqui adotada não visa buscar uma “resposta correta” sobre o sentido das letras, mas compreender como esses sentidos se multiplicam e se transformam a partir do olhar e da escuta de cada sujeito.

3.1 GRUPO FOCAL

A pesquisa contou com a realização de um grupo focal, pensado desde o início como parte integrante da metodologia qualitativa adotada. A opção foi conduzir esse grupo de forma remota, por meio do aplicativo WhatsApp, respeitando tanto a disponibilidade dos participantes quanto a natureza da investigação, que exigia tempo de elaboração e liberdade de expressão. Essa escolha metodológica permitiu um ambiente mais confortável e espontâneo para os participantes, além de ser compatível com a proposta de explorar a ambiguidade como experiência subjetiva de recepção.

Durante os diálogos mediados pelo WhatsApp, os participantes puderam refletir e responder às perguntas de maneira individual, mesmo que em um espaço coletivo. O grupo foi composto por doze pessoas, com idades entre 22 e 55 anos, que partilham a escuta atenta das composições da Legião Urbana. As perguntas, abertas e interpretativas, foram enviadas em formato textual e, em vez de respostas orais instantâneas, os participantes enviaram suas percepções ao longo de um período acordado, garantindo a qualidade reflexiva das contribuições.

A escolha por esse modelo de grupo focal remoto favoreceu a produção de respostas subjetivas, afetivas e interpretativas, que respeitam o tempo interno de elaboração de cada sujeito. Trata-se, portanto, de um modelo metodológico híbrido: coletivo em sua configuração, mas individualizado em sua dinâmica de resposta. Essa estrutura dialoga com a concepção de Iser (1996), segundo a qual o leitor (ou, neste caso, o ouvinte) é agente ativo na construção do sentido, sobretudo quando o texto ou a letra da canção se estrutura em torno de ambiguidades e lacunas semânticas.

Ainda que as interações no grupo não tenham seguido o modelo tradicional de debate síncrono, a escuta do outro esteve presente, de forma mediada. A cada nova resposta compartilhada, os participantes entravam em contato com interpretações diferentes das suas, ampliando sua própria leitura. Esse processo confirma o princípio do dialogismo, formulado por Bakhtin (2003), para quem todo discurso é construído em resposta a outro, real ou virtual.

Mesmo quando não há debate direto, há confronto de vozes, e é nesse confronto que os significados se renovam.

O ambiente digital não comprometeu a densidade das respostas — ao contrário, favoreceu relatos ricos, profundos e afetivamente marcados. Versos ambíguos como “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê” ou “Teu corpo é o meu espelho e em ti navego” foram analisados pelos participantes com liberdade, resultando em múltiplas leituras que abarcam desde o plano existencial e psicológico até o simbólico e social. A ambiguidade, nesse contexto, se revelou não como um obstáculo, mas como um convite à escuta interpretativa.

O grupo focal, realizado dessa forma remota e textual, consolidou-se como ferramenta metodológica central nesta pesquisa. Ele permitiu observar como a ambiguidade é percebida, sentida e interpretada por sujeitos diversos, e como a canção se transforma em espaço simbólico de leitura do mundo. A mediação digital, longe de enfraquecer a escuta, criou um ambiente íntimo e reflexivo, onde cada participante pôde reconstruir o sentido da obra a partir de si — e, ao mesmo tempo, em diálogo silencioso com os outros.

3.2 PERFIL DOS OUVINTES

A investigação desenvolvida parte de um questionário composto por perguntas abertas, respondido por doze participantes com idades entre 22 e 55 anos. Todos os ouvintes concluíram o Ensino Médio, e alguns são professores ou estudantes universitários. Dois dos participantes são autônomos e declaradamente fãs da banda. A escolha desse recorte buscou privilegiar a escuta individual e subjetiva, compreendendo a recepção como fenômeno cultural e afetivo.

A diversidade de idade, formação e inserção social permite analisar o impacto da ambiguidade a partir de múltiplas perspectivas, em sintonia com o conceito de horizonte de expectativas desenvolvido por Jauss (1994), segundo o qual cada sujeito interpreta a obra com base em seu repertório cultural, histórico e afetivo. Como afirma o autor, “o novo, apresentado pela literatura, dialoga com as experiências que o leitor possui” (Jauss, 1994, p. 28). Ao mesmo tempo, o processo de recepção se revela como prática dialógica, em que as vozes dos ouvintes se entrelaçam com as vozes do texto, como propõe Bakhtin (2003).

Além da diversidade etária e ocupacional, os ouvintes compartilham um ponto comum: todos se identificam como admiradores da banda Legião Urbana, independentemente da idade ou formação profissional. Esse dado reforça o alcance geracional da obra da banda e contribui para a compreensão de como suas letras continuam a ressoar entre diferentes grupos sociais. Alguns ouvintes acompanharam a trajetória da Legião Urbana durante os anos 1980 e 1990,

enquanto outros tiveram contato posterior, já mediados por relatos familiares, regravações ou pela difusão digital das músicas. Essa presença contínua evidencia o que Jauss (1994) define como reatualização do horizonte de expectativas: cada geração lê a obra de forma distinta, criando novos sentidos conforme suas experiências históricas e emocionais.

Embora todos tenham, no mínimo, o Ensino Médio, observa-se uma variação de familiaridade com conceitos literários e linguísticos, o que permite leituras tanto intuitivas quanto tecnicamente fundamentadas. Esse dado se articula à noção de formação do leitor proposta por Candido (2004), segundo o qual, a literatura e, por extensão, a canção exige um grau mínimo de letramento simbólico para que seu conteúdo possa ser apropriado criticamente. Assim, o repertório escolar e cultural dos participantes contribui para que eles reconheçam e atribuam sentido à ambiguidade das letras, ainda que de maneiras distintas.

A escolha por trabalhar com esse grupo específico de pessoas com diferentes trajetórias, mas com afinidade emocional com a obra da Legião Urbana visa capturar a complexidade da escuta subjetiva e os diversos modos de recepção da ambiguidade poética. Não se buscou representatividade estatística, mas sim diversidade interpretativa, o que condiz com o enfoque qualitativo e hermenêutico deste trabalho. A canção, nesse sentido, é abordada como texto literário e fenômeno social, e os ouvintes são compreendidos como leitores ativos e afetivos.

Essa escuta individualizada, que vai além da mera compreensão racional do texto, é também destacada por Santaella (2001), ao compreender a canção como forma multimodal, que ativa emoção, memória e corpo. A escuta se transforma, portanto, em experiência estética complexa, envolvendo sensação, cognição e afetividade. Essa complexidade é o que torna a ambiguidade ainda mais significativa: ela abre espaço para a subjetividade e para o encontro entre as vozes do texto e as vozes da vida cotidiana.

Desse modo, a análise que se segue considera não apenas o conteúdo das respostas, mas também o lugar social e afetivo de onde cada participante fala, reafirmando o princípio bakhtiniano de que todo discurso é situado e atravessado por múltiplas vozes sociais (Bakhtin 2003). A escuta, nesse sentido, é também uma forma de leitura do mundo.

3.3 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Nesta pesquisa, foi utilizado um questionário com 11 perguntas abertas como principal instrumento de coleta de dados. O objetivo foi compreender como os ouvintes da banda Legião Urbana interpretaram as ambiguidades presentes em algumas de suas composições.

O questionário foi enviado individualmente para cada participante por meio do WhatsApp, após um primeiro contato feito em grupo. Cada pessoa respondeu de forma separada e no seu próprio tempo, o que proporcionou liberdade e conforto para refletir sobre as músicas e elaborar suas respostas com sinceridade.

A escolha por perguntas abertas permitiu que os participantes expressassem livremente suas interpretações e experiências pessoais com as letras analisadas. As músicas escolhidas para guiar as perguntas foram: *Daniel na cova dos leões*, *Quase sem querer*, *Acrilic on canvas*, *Fábrica* e *Andrea Doria*, todas conhecidas por apresentarem ambiguidades que abrem espaço para múltiplos sentidos.

Os participantes foram selecionados com base no interesse pela Legião Urbana e familiaridade com suas músicas. A intenção foi reunir diferentes pontos de vista, considerando perfis variados de idade e vivência, o que enriqueceu o conjunto de respostas. Após a coleta, as respostas foram organizadas e analisadas de forma qualitativa, com base em múltiplos significados, relação com a vida pessoal, sentimentos despertados e interpretação subjetiva das letras. A análise foi orientada por autores como Santaella (1983), Ilari e Geraldi (2006) e Eco (1992), os quais tratam da linguagem, da ambiguidade e da interpretação dos textos.

A aplicação do questionário foi essencial para observar como a ambiguidade nas letras da banda desperta diferentes interpretações, demonstrando que essas canções continuam provocando reflexões e identificações em diversos públicos.

A análise das respostas evidencia que as músicas da Legião Urbana não apenas são ouvidas, mas apropriadas subjetivamente pelos ouvintes, ativando memórias, afetos e interpretações múltiplas. Nessa perspectiva, a teoria da recepção proposta por Jauss (1994) oferece uma base sólida: segundo ele, a experiência estética não é passiva, mas se configura na interação entre a obra e o horizonte de expectativas do público, que se transforma historicamente. O impacto contínuo das canções da Legião Urbana revela, portanto, que seu sentido está sempre em negociação com o momento histórico e com a trajetória de vida de cada ouvinte. Como afirma o autor, “a nova obra suscita expectativas, desperta lembranças e conduz o leitor a determinada postura emocional” (Jauss, 1994, p. 28).

Essa relação dinâmica também está presente na forma como as letras da banda são interpretadas a partir da experiência pessoal. As músicas funcionam como gatilhos de memória afetiva, atravessando diferentes fases da vida dos ouvintes. Como sugere Barthes (2004b), o prazer do texto (ou da canção) está justamente em sua fruição íntima e subjetiva naquilo que escapa ao controle lógico e se inscreve na sensibilidade de quem lê ou escuta. Esse entrelaçamento entre texto e experiência é particularmente evidente nas respostas em que

associam canções como “Tempo Perdido”, “Pais e Filhos” e “Vento no Litoral” a momentos marcantes da vida dos entrevistados.

Além disso, as ambiguidades presentes nas letras convocam o ouvinte à construção ativa do significado. Iser (1996) aponta que o texto literário se completa na leitura, especialmente por meio dos “espaços de indeterminação” que exigem interpretação. Como ele afirma, “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor” (Iser 1996, p. 75). A canção, nesse contexto, não é apenas um artefato sonoro, mas também textual e performativo. Zilberman (2001, p. 51) complementa essa visão ao afirmar que “são as indeterminações que permitem ao texto comunicar-se com o leitor, induzindo-o a tomar parte na produção e compreensão da intenção da obra”.

Nesse sentido, os ouvintes ilustram a variedade de caminhos interpretativos possíveis, evidenciando o caráter aberto da experiência estética. Como defende Empson (1930), a ambiguidade é um recurso criativo que permite ao texto condensar significados simultâneos, criando tensão interpretativa e mantendo o texto vivo. Em música, isso gera efeitos emocionais variados e profundos. Esse processo de interação entre texto e sujeito também pode ser compreendido pela ótica dialógica de Bakhtin (2003), para quem todo enunciado é atravessado por vozes sociais. A canção, assim, deixa de ser um discurso isolado para se tornar espaço de confronto e encontro entre diferentes vozes: a do autor, a do ouvinte, a da sociedade. Segundo ele, “a palavra é o território de um confronto entre valores” (Bakhtin, 2003, p. 32), o que faz da escuta também um ato ideológico.

As respostas obtidas no questionário reforçam a percepção de que a ambiguidade nas composições da Legião Urbana é compreendida como um recurso estilístico intencional. Para os ouvintes, essa escolha não se limita a um efeito estético, mas carrega também uma dimensão crítica. A ambiguidade surge como uma ferramenta para suavizar discursos incisivos e, ao mesmo tempo, estimular uma escuta mais ativa e reflexiva.

Uma das respostas aponta que “a ambiguidade talvez seja um meio de suavizar as críticas de cunho político-social”, o que evidencia uma percepção da função crítica da linguagem ambígua, ao permitir que o ouvinte participe da construção de sentido. Outro participante afirma que a banda “faz bom uso de suas músicas para provocar diferentes interpretações e sensações”, destacando o papel da ambiguidade na multiplicidade de leituras. Ainda, uma terceira resposta reforça essa ideia ao dizer que a ambiguidade “pode sim ser um recurso estilístico intencional, utilizado para provocar reflexão, gerar interpretações múltiplas e manter a profundidade e complexidade das mensagens transmitidas”.

Essas falas apontam para um entendimento bastante próximo do que estudiosos como Santaella (2001) e Bakhtin (2003) descrevem sobre a função estética e comunicativa da linguagem ambígua: ela convida o sujeito a se engajar com o texto, a pensar, sentir e interpretar de acordo com sua própria experiência. Nesse contexto, a ambiguidade é percebida não apenas como uma marca de liberdade poética, mas como um espaço fértil para a crítica social, sensível e indireta, característica marcante da obra da Legião Urbana que a ambiguidade é percebida como uma marca deliberada, não apenas estética, mas também crítica.

Eagleton (2006) sugere que o discurso literário, ao se abrir à multiplicidade de sentidos, desafia a fixidez das ideologias dominantes. Assim, ao evitar mensagens unívocas, Renato Russo utiliza a ambiguidade como gesto político e poético, criando espaço para a dúvida, a denúncia e a complexidade da experiência humana. Também Candido (2004), ao refletir sobre a função social da literatura, destaca que uma obra só é completa quando desperta no leitor ou no ouvinte um gesto de transformação, mesmo que íntima. As letras da Legião Urbana, nesse sentido, alcançam o que Candido (2004) chama de “dimensão humanizadora da arte”.

Essa perspectiva dialógica e transformadora encontra eco também no pensamento de Mário de Andrade, que via na canção popular um dos lugares legítimos da poesia brasileira. Para Mário, a canção era um espaço onde o erudito e o popular se fundiam, produzindo lirismo, crítica e identidade. As letras da Legião Urbana, ao transitar entre o amor e a crítica social, entre a introspecção e a denúncia, realizam essa fusão com vigor. Como já afirmava o autor modernista, “a música popular brasileira é a mais completa, mais totalmente nacional, mais forte criação da nossa raça até agora” (Andrade, 1972, p. 20).

A canção, como forma estética híbrida, é também estudada por Santaella (2001), que destaca seu potencial sinestésico e multimodal. Segundo ela, a canção mobiliza simultaneamente linguagem verbal, melodia, ritmo, emoção e memória, funcionando como dispositivo de síntese sensível. Isso explica por que os ouvintes não apenas escutam, mas vivem as letras: a escuta se torna uma forma de experiência estética completa, onde corpo, emoção e intelecto estão implicados.

Por fim, ao reconhecer a canção como forma literária, Franchetti (2006) propõe que se leia suas estruturas como textos que condensam crítica social, subjetividade e linguagem figurada. A obra da Legião Urbana revela-se, nesse sentido, não apenas musicalmente marcante, mas poeticamente elaborada e literariamente relevante. Como sugere Mello (2008), a música brasileira atua como “confessionário público”, onde as emoções individuais são compartilhadas coletivamente.

O modo como cada ouvinte interpreta versos como “Teu corpo é o meu espelho e em ti navego” ou “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê” mostra que a obra da banda provoca uma escuta atenta, capaz de ultrapassar o óbvio e tocar regiões mais íntimas da percepção. Cada ouvinte constrói sua própria leitura, atualizando constantemente o texto com sua sensibilidade. A ambiguidade, nesse processo, não é ruído, mas potência: permite que a obra fale de múltiplas formas a múltiplas pessoas.

Em última instância, como escreveu Jauss (1994, p. 8), “a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade”. A permanência da obra da Legião Urbana, décadas após seu auge, confirma justamente esse efeito duradouro literário, afetivo e coletivo.

3.4 DEFINIÇÕES PESSOAIS DE AMBIGUIDADE

Ao serem questionados sobre o conceito de ambiguidade, os ouvintes demonstraram, em sua maioria, uma compreensão intuitiva e funcional do termo, mesmo aqueles que não apresentaram uma definição técnica. Termos como “duplicidade de sentidos”, “mais de uma interpretação” e “frases que podem significar coisas diferentes” foram recorrentes nas respostas.

Ouvinte 1, por exemplo, definiu ambiguidade como “uma duplicidade de sentidos”, enquanto o Ouvinte 3 afirmou que “a ambiguidade dá margem para diferentes interpretações e sentidos”. Esses trechos evidenciam um entendimento que se aproxima da definição proposta por Empson (1930, p. 1), segundo o qual a ambiguidade ocorre “quando uma afirmação pode significar simultaneamente mais de uma coisa, todas legítimas”.

Essa percepção se alinha também à noção de “espaços de indeterminação” formulada por Iser (1996), o autor enfatiza que o texto literário exige uma atitude ativa do leitor para preencher as lacunas deixadas pela linguagem. Nesse caso, os ouvintes não apenas reconhecem que há múltiplos sentidos possíveis, como se mostram dispostos a interpretá-los, o que confirma a função estética da ambiguidade como mobilizadora de leitura subjetiva.

É interessante observar que alguns ouvintes, mesmo sem formação acadêmica específica, demonstraram sensibilidade ao perceber que a ambiguidade não é um obstáculo à compreensão, mas uma possibilidade de envolvimento maior com a obra. Ouvinte 5, por exemplo, lembrou o conceito aprendido em sala de aula, associando a ambiguidade a “uma figura de linguagem que permite múltiplos significados”. Esse ponto de vista está em sintonia com a perspectiva de Candido (2004), ao afirmar que a literatura e, por extensão, a canção pode

humanizar justamente porque convida o sujeito a lidar com o que é complexo, contraditório e aberto.

De modo geral, fica evidente que os ouvintes possuem uma compreensão intuitiva da ambiguidade, mesmo que nem todos tenham uma definição técnica. Essa familiaridade com o conceito revela uma sensibilidade para a riqueza dos múltiplos sentidos presentes nas obras, especialmente nas letras das músicas. A ambiguidade, longe de ser vista como um empecilho, é reconhecida como um convite à interpretação e à participação ativa do leitor ou ouvinte, ampliando a experiência estética. Assim, a percepção dos ouvintes reforça a ideia de que a ambiguidade é uma ferramenta essencial para a literatura e a música, pois permite um contato mais profundo com o que é complexo e aberto, exatamente como apontam teóricos como Empson (1930), Iser (1996) e Candido (2004).

3.4.1 Interpretação dos versos ambíguos

Quando convidados a interpretar versos específicos, os ouvintes evidenciaram com clareza como a ambiguidade das letras da Legião Urbana permite múltiplas leituras, influenciadas por experiências pessoais, emoções e contextos culturais.

O verso “Teu corpo é o meu espelho e em ti navego”, por exemplo, foi interpretado de maneiras diversas. Ouvinte 1 sugeriu que o espelho simboliza “uma forma de se enxergar no outro”, enquanto Ouvinte 3 foi mais fundo, interpretando a metáfora como “um desejo contido, talvez sexual, mas também de identidade”. Já o Ouvinte 6 apontou que esse trecho poderia significar “identificação, dependência emocional e amor como navegação”.

Essas leituras reforçam a ideia de que a ambiguidade poética ativa zonas profundas da subjetividade. Como aponta Bakhtin (2003), cada sujeito interpreta o texto a partir de suas vozes sociais e experiências históricas. A palavra “espelho”, nesse caso, carrega ecos do psicológico, do romântico, do sensorial, um campo semântico vasto que cada ouvinte percorre de modo distinto.

O verso “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê” também gerou uma variedade de respostas. Alguns ouvintes relacionaram o trecho à sensibilidade individual e à solidão interpretativa; outros, como Ouvinte 4, associaram à subjetividade da verdade e à dificuldade de compartilhamento da percepção. Essa tensão entre individualidade e incompreensão é uma das formas mais ricas da ambiguidade, aquilo que, como diria Santaella (2001), provoca sensação e pensamento simultaneamente, exigindo uma resposta tanto emocional quanto reflexiva.

Essas diversas interpretações mostram como a ambiguidade nas letras da Legião Urbana não apenas abre espaço para múltiplas leituras, mas também ativa camadas profundas da experiência pessoal e emocional de cada ouvinte. A riqueza do significado se constrói a partir da interação entre o texto e as vozes singulares de quem o lê ou escuta, evidenciando que a poesia da banda transcende uma interpretação única e fixa. Assim, a ambiguidade torna-se um elemento essencial para que a música dialogue de maneira intensa e íntima com diferentes realidades, reafirmando seu poder de provocar tanto sentimentos quanto reflexões variadas e complexas.

3.4.2 Ambiguidade como recurso emocional e afetivo

Em diversas respostas, os ouvintes relacionaram a ambiguidade não apenas à multiplicidade de sentidos, mas à forma como os versos provocam lembranças, reconhecimentos e emoções intensas. O Ouvinte 7, por exemplo, associou o verso “Giz” à infância, dizendo que “faz lembrar um tempo que não volta”. As respostas dos ouvintes à pergunta “Alguma música, para você, tem um significado mais profundo em certo momento?” revelam a força da ambiguidade como recurso emocional e afetivo na linguagem da canção. Pais e Filhos foi mencionada por diferentes participantes: para um deles, a música remete à adolescência, funcionando como memória afetiva de uma fase marcante da vida; para outro, a canção promove uma reflexão sobre os conflitos de comunicação com os pais, revelando uma escuta mais introspectiva e crítica.

A música “O mundo anda tão complicado” foi associada ao início de uma vida a dois, quando a ausência de um lar era simbolicamente expressa na letra e quando a casa foi conquistada, a música passou a fazer ainda mais sentido, como se se completasse emocionalmente. Vento no Litoral evocou saudade e lembranças boas, mostrando como a canção pode funcionar como um disparador de memórias afetivas. Da mesma forma, Tempo Perdido foi citada duas vezes: para um ouvinte, a canção representa uma reflexão sobre o presente e a importância de valorizar os momentos vividos; para outro, ela desperta esperança e, ao mesmo tempo, uma consciência existencial sobre a finitude da vida.

Em comum, todas essas experiências demonstram que a ambiguidade das letras permite interpretações múltiplas e profundamente pessoais, abrindo espaço para que cada sujeito se reconheça na canção de maneira única. Nesse sentido, a ambiguidade não atua apenas como um artifício poético, mas como um elo entre linguagem e afeto, tornando a música um lugar de escuta sensível, memória e pertencimento. Essas falas evidenciam o que Barthes (2004b)

chamou de prazer do texto: aquilo que não é apenas decodificável, mas sentido. A ambiguidade nesse caso atua como zona de ressonância afetiva. Não é apenas o que o verso diz, mas o que ele desperta que importa.

Essa compreensão está em perfeita consonância com as observações de Santaella (2001), para quem a canção é um fenômeno sinestésico e afetivo, onde som, imagem e palavra criam uma totalidade estética. Com isso, a ambiguidade não atua apenas como um artifício poético, mas como um elo entre linguagem e afeto, tornando a música um lugar de escuta sensível, memória e pertencimento.

3.4.3 A intencionalidade da ambiguidade

Praticamente todos os ouvintes afirmaram que a ambiguidade nas composições da Legião Urbana é intencional. Para muitos, trata-se de uma escolha consciente de Renato Russo, que sabia “brincar com as palavras” (Ouvinte 3), “escrever de forma aberta para gerar reflexão” (Ouvinte 10), e “deixar espaço para o ouvinte se encontrar no verso” (Ouvinte 12).

Essa percepção dialoga diretamente com a ideia de projeto estético-literário, como defendida por Franchetti (2006), para quem a canção pode ser lida como texto artístico de pleno direito. A ambiguidade, nesse caso, não é um efeito colateral, mas um recurso estruturante — que permite camadas simbólicas, críticas e existenciais na letra da canção.

Essa consciência dos ouvintes também reforça a noção de que a escuta é uma forma de leitura crítica. Como aponta Eagleton (2006), a linguagem ambígua abre espaço para a resistência ao literal, ao dogmático e ao ideológico. No caso da Legião Urbana, isso se confirma pela permanência das músicas enquanto espaços de reflexão sobre política, juventude, perda e identidade sem respostas fechadas.

Dessa forma, a leitura feita pelos ouvintes evidencia não apenas uma recepção atenta, mas também a percepção da ambiguidade como parte essencial da proposta artística da canção. Mais do que decifrar significados, os ouvintes reconhecem na escuta um exercício de interpretação, abertura e diálogo com o texto. Isso confirma que a canção, longe de ser um produto fechado ou puramente emocional, pode atuar como forma crítica de linguagem, atravessada por sentidos múltiplos e pela experiência subjetiva de quem ouve.

3.5 AMBIGUIDADE, VOZ SOCIAL E RECEPÇÃO CRÍTICA

A análise das respostas dos ouvintes revela que a ambiguidade nas composições da Legião Urbana não se limita a um recurso poético ou emocional, mas também funciona como mecanismo de crítica social e existencial, abrindo espaço para o questionamento de normas, valores e estruturas da sociedade brasileira. Versos ambíguos, ao evitar afirmações diretas e oferecer múltiplas possibilidades de leitura, tornam-se especialmente eficazes para abordar temas como desigualdade, alienação, política, morte, religiosidade e identidade.

Uma das canções mais mencionadas nesse sentido foi “Pais e Filhos”, cuja letra foi interpretada por muitos ouvintes como expressão de dor familiar, ruptura de vínculos e perda. Ouvinte 12, por exemplo, apontou que “a música parece falar sobre relações familiares, mas na verdade fala do suicídio”, referindo-se à revelação feita por Renato Russo em entrevistas. Essa afirmação, por si só, já carrega um traço ambíguo: o fato de a canção permitir que o tema da morte seja tratado de forma velada, poética, e só mais tarde explicitado como uma tragédia íntima. Tal estrutura poética confirma o que Empson (1930) denominava “ambiguidade de fundo”: aquela que permeia toda a construção textual, tornando sua interpretação instável e intensa.

A força dessa ambiguidade está no que Bakhtin (2003) denominou polifonia, a convivência de vozes sociais distintas dentro do mesmo enunciado. Em Pais e Filhos, há a voz do eu lírico que narra, mas também a voz da mãe, da sociedade, da infância perdida, da culpa e da incompreensão geracional. Não se trata de um discurso linear, mas de um campo conflituoso, em que as identidades se chocam e se revelam nas entrelinhas. Os ouvintes captaram essas camadas de forma intuitiva e afetiva, apontando que o verso “Você culpa seus pais por tudo, isso é um absurdo” tanto critica quanto compreende o conflito entre gerações, uma ambiguidade que permite múltiplas leituras morais e emocionais.

A canção “Índios” também foi lembrada por diversos ouvintes como exemplo de letra ambígua e profundamente simbólica. O Ouvinte 11 afirmou que a música fala “sobre espiritualidade, resistência e identidade”, enquanto o Ouvinte 10 sugeriu que ela discute “a exploração e alienação do ser humano, indo além da questão indígena”. Essas respostas demonstram que a ambiguidade, nesse caso, opera como forma de resistência simbólica. Ao não nomear diretamente o grupo indígena contemporâneo, a letra permite que o “nós” e o “eles” se embaralhem, levando o ouvinte a se colocar no lugar do outro — movimento essencial para o exercício da alteridade.

Essa função crítica e plural da ambiguidade está diretamente ligada ao conceito de função social da arte, discutido por Candido (2004), segundo o qual a obra literária (e, aqui, a canção) contribui para a formação ética e sensível dos sujeitos. A ambiguidade, ao recusar

respostas unívocas, convoca o ouvinte a refletir, interpretar, duvidar e se posicionar frente ao mundo. Nesse sentido, ela humaniza.

A canção “Teatro dos Vampiros” foi também citada por alguns ouvintes como exemplo de crítica social ambígua. O Ouvinte 9 afirmou que a letra “fala sobre política, mas também sobre cansaço, conformismo e manipulação”. A imagem dos vampiros pode ser lida tanto como uma alegoria dos governantes quanto das instituições opressoras, mas também como símbolo das relações interpessoais esvaziadas. Essa duplicidade simbólica amplia o impacto da crítica e a atualiza em diferentes contextos.

O Ouvinte 8 mencionou a música “Faroeste Caboclo”, afirmando que a trajetória de João de Santo Cristo oscila entre vilão, herói e vítima. Essa ambiguidade identitária demonstra como a narrativa da canção constrói um sujeito marginalizado, complexo e instável. A canção, embora conte uma história linear, trabalha com elementos morais ambivalentes: violência, injustiça, revanche e tragédia, que impedem qualquer julgamento simples. O Ouvinte 8 percebe essa multiplicidade e sugere que “a letra é como uma fábula distorcida, onde a lição é sempre ambígua”. Esse tipo de leitura se aproxima da ideia de Empson de que textos verdadeiramente ricos não oferecem soluções fáceis, mas dilemas que persistem.

Por fim, cabe destacar que essa dimensão crítica da ambiguidade, percebida pelos ouvintes em diversas canções, reforça o que Eagleton (2006) afirma sobre a literatura: ela funciona como campo de resistência justamente porque não fixa o sentido, mas o faz oscilar. Em tempos de discursos autoritários e verdades absolutas, a ambiguidade se apresenta como espaço de liberdade para dizer o que não pode ser dito diretamente, para provocar sem agredir, para sensibilizar sem impor.

Como conclui Franchetti (2006), a canção popular brasileira é também forma poética de leitura do mundo. Ao assumir ambiguidade como método e linguagem, a Legião Urbana constrói um repertório que ultrapassa a canção para se aproximar da experiência literária e da escuta crítica. A recepção dos ouvintes analisados confirma essa potência: cada um, à sua maneira, lê, sente e refaz o texto e é também, por ele, transformado.

3.6 A AMBIGUIDADE DA VOZ: ENTRE O AUTOR, A PERSONA E O OUVINTE

Um dos aspectos mais recorrentes nas respostas dos ouvintes foi a tendência de identificar a voz poética das canções da Legião Urbana com a figura de Renato Russo. Muitas das interpretações partem da ideia de que o eu lírico seria o próprio compositor, como se as letras funcionassem como diários íntimos, confissões ou desabafos pessoais. Essa leitura é

compreensível e comum na recepção da canção popular, onde a voz cantada está intensamente associada ao corpo e à identidade do intérprete. No entanto, essa identificação gera um efeito ambíguo: quem fala nas canções? O autor real, uma persona poética ou uma voz aberta a qualquer um?

Essa ambiguidade da voz é uma das características mais complexas da linguagem poética da banda e contribui diretamente para a multiplicidade de leituras das letras. Em diversas respostas, os participantes demonstraram oscilar entre a leitura biográfica e a simbólica. O Ouvinte 4 afirmou: “Parece que ele está falando dele mesmo, da dor que ele sentia... como se cada música fosse uma carta”. Já o Ouvinte 10 disse: “A gente sente que é pessoal, mas ao mesmo tempo parece que serve para todo mundo”. Essa tensão entre o singular e o universal é um traço literário sofisticado, e justamente por não ser resolvida, mantém a ambiguidade viva.

Essa oscilação pode ser compreendida à luz do conceito de polifonia, proposto por Bakhtin (2003), afirmando que todo enunciado é constituído por vozes múltiplas. Mesmo quando um texto parece trazer apenas uma voz como ocorre com frequência na canção popular ele está, na verdade, atravessado por discursos sociais, referências culturais, valores e ideologias. Nas letras da Legião Urbana, as vozes que se sobrepõem incluem a do autor, a de personagens fictícios, a do jovem urbano em crise, a do militante político e até a do ouvinte, que projeta ali suas próprias experiências.

A ambiguidade da voz é ampliada pelo fato de Renato Russo ter sido um cantor conhecido por sua expressividade emocional, sua sinceridade em entrevistas e sua exposição pública de temas sensíveis como depressão, sexualidade e religiosidade. Isso leva muitos ouvintes a lerem as letras como reflexo direto de sua biografia. No entanto, como afirma Barthes (2004a) em seu célebre ensaio “A morte do autor”, o sentido do texto não reside na intenção de quem escreve, mas na recepção daquele que lê. A obra, nesse sentido, é um espaço de encontro, onde o leitor — ou o ouvinte — constrói o significado a partir de sua própria experiência, e não necessariamente a partir da vida do autor.

Essa ambiguidade da voz poética é intensificada pelo uso, nas letras da banda, de pronomes e sujeitos indefinidos. Em versos como “Quem me dera ao menos uma vez” ou “Me disseram que você estava chorando”, não sabemos ao certo quem fala, para quem, ou de onde. Esses elementos gramaticais e discursivos contribuem para a criação de um “eu” fluido, que pode ser o próprio Renato Russo, uma personagem poética, ou qualquer um que se aproprie da fala. É exatamente essa abertura que permite a identificação por parte dos ouvintes, que veem em si mesmos os sentimentos ali narrados.

O Ouvinte 6, por exemplo, afirmou que “Índios” parecia uma conversa interna, “como se ele estivesse falando com ele mesmo, ou com Deus”. Já o Ouvinte 11 disse que escuta “Tempo Perdido” como se fosse “uma carta que eu mesmo teria escrito”. Essas falas mostram que a ambiguidade da voz permite a apropriação subjetiva da fala poética. O texto deixa de ser do autor e se torna do ouvinte, que o reconstrói segundo sua própria vivência. Como defende Candido (2004), a literatura e, por extensão, a canção poética humaniza ao permitir que cada sujeito se reconheça no outro, e que o outro se torne parte de si.

Essa relação entre voz, autoria e leitor é também discutida por estudiosos da canção popular como Franchetti (2006), que propõe compreender a canção como forma literária marcada por um estatuto híbrido: entre o texto e a performance, entre o dito e o cantado. Na canção, o eu lírico não é apenas um sujeito textual, mas também um corpo vocal que interfere na recepção do sentido. A voz de Renato Russo com sua carga emocional, seu timbre melancólico e sua entrega performativa acentua ainda mais a confusão entre autor e persona. Mas, paradoxalmente, é justamente essa fusão instável que gera a abertura necessária para que o ouvinte se insira no texto.

A ambiguidade da voz nas letras da Legião Urbana, portanto, não é um ruído nem um equívoco. Ela é um recurso deliberado, estético e comunicativo, que permite que as canções sejam interpretadas a partir de diferentes perspectivas. O mesmo verso pode soar como confissão, crítica social ou poesia pura dependendo do contexto, da escuta e da trajetória de quem o ouve. É esse jogo entre autor, persona e ouvinte que mantém as letras vivas e ressonantes, mesmo décadas após sua criação.

3.7 AMBIGUIDADE E PERMANÊNCIA: PORQUE CONTINUAMOS OUVINDO LEGIÃO URBANA

Um aspecto que se evidencia nas falas dos ouvintes — mesmo quando não é nomeado explicitamente — é a persistência da escuta: muitos continuam ouvindo as músicas da Legião Urbana mesmo décadas após seu lançamento. Essa permanência não se deve apenas ao reconhecimento cultural da banda ou à memória afetiva, mas está diretamente relacionada à ambiguidade estrutural das letras, que permite que elas permaneçam abertas a diferentes interpretações e significados. Ou seja, o que sustenta o vínculo contínuo com essas composições não é somente aquilo que foi dito, mais precisamente aquilo que pode ainda ser lido, sentido e ressignificado.

As respostas coletadas revelam esse fenômeno com nitidez. O Ouvinte 6 declarou: “Eu escuto as mesmas músicas há anos e, dependendo do dia, elas significam coisas diferentes pra mim”. Já o Ouvinte 9 observou: “Tem letra que eu só fui entender melhor depois de mais velho. Antes parecia só bonita, hoje parece que está falando da minha vida”. Essas falas evidenciam que a ambiguidade da linguagem não apenas sustenta o interesse contínuo, mas atua como elemento dinâmico, que cresce e se transforma com o próprio ouvinte.

Esse processo está em sintonia com o conceito de atualização do horizonte de expectativas, de Jauss (1994). Segundo o autor, a obra literária — e, por analogia, a canção poética — não permanece a mesma para o leitor ao longo do tempo: ela se renova à medida que os contextos históricos, sociais e subjetivos do leitor/ouvinte se modificam. A ambiguidade, ao impedir que o texto se feche em um único sentido, é o que garante essa reatualização contínua. Assim, uma mesma música pode significar revolta na juventude, melancolia na vida adulta e nostalgia na maturidade — sem jamais perder sua potência de significação.

A ambiguidade também permite que diferentes gerações se apropriem das canções de formas variadas. Participantes da pesquisa com idades entre 22 e 30 anos, por exemplo, mencionaram que conheceram a banda por meio dos pais ou da escola, e que mesmo não tendo vivido o contexto político dos anos 1980 e 1990, se sentem tocados pelos temas existenciais, emocionais e sociais das letras. Essa transversalidade é possível porque as canções não se limitam ao imediato; elas falam de amor, solidão, incerteza, juventude, morte, pertencimento — temas que permanecem relevantes em qualquer época. E mais: falam sobre isso de forma ambígua, sugerindo mais do que afirmando, o que permite que cada ouvinte encontre o seu próprio sentido.

Essa característica se articula à noção de efeito estético, formulada por Iser (1996), que destaca a interação entre texto e leitor como fonte primordial do significado. Não é o texto que impõe um conteúdo, mas a leitura que o realiza. A ambiguidade, nesse cenário, atua como uma zona produtiva de sentidos, pois desloca o foco do “entendimento correto” para a experiência estética — e essa experiência muda com o tempo, com a idade, com o estado emocional, com o contexto cultural.

A voz poética de Renato Russo, marcada por pausas, intensidade e uma entrega emocional sincera, também contribui para essa permanência. A performance vocal não é neutra: ela imprime afetividade ao texto e acentua seus vazios e suas entrelinhas. Como aponta Santaella (2001), a linguagem da canção é multissensorial, operando simultaneamente no plano simbólico e sensível. Um verso como “o mundo anda tão complicado” continua ressoando

porque, para além de sua simplicidade aparente, ele contém uma abertura que permite sua reaplicação a diferentes realidades: crises familiares, políticas, existenciais.

Outro ponto importante é que a ambiguidade torna a canção um espaço relacional: não há sentido sem sujeito. E esse sujeito, o ouvinte, está em movimento. As respostas dos participantes mostram que a mesma letra pode ser sentida como um conselho, um lamento, uma revolta, ou uma oração dependendo de quem escuta, quando escuta, e como escuta. Esse movimento contínuo é o que garante à obra seu valor duradouro. Como afirma Barthes (2004b, p. 21) “Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, [...] faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”, e o prazer estético da ambiguidade está justamente em nunca se esgotar, em permanecer disponível ao novo.

Por fim, é necessário destacar que essa permanência não é passiva, mas fruto de uma relação ativa e afetiva com a linguagem. O ouvinte que retorna às músicas da Legião Urbana não está apenas reouvindo: ele está reconstruindo, relendo, reinterpretando. A ambiguidade, nesse sentido, não é um véu que esconde o significado, mas uma ponte entre passado e presente, entre autor e ouvinte, entre o eu de ontem e o eu de hoje. Algo que talvez nem elas mesmas saibam dizer por completo, mas que o ouvinte é capaz de escutar à sua maneira, ao seu tempo, com sua própria sensibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar as ambiguidades presentes nas composições da banda Legião Urbana sob a ótica da semântica, buscando compreender como esses recursos são empregados pelo letrista Renato Russo e de que forma interferem na interpretação e recepção das músicas por parte dos ouvintes. A partir de uma abordagem qualitativa, combinando análise textual com a escuta interpretativa de um grupo focal, foi possível demonstrar que essas ambiguidades não constituem apenas um ornamento estilístico, mas operam como elementos estruturantes da linguagem poética da banda.

A investigação buscou responder a algumas questões norteadoras essenciais: seriam essas ambiguidades empregadas de forma deliberada? Serviriam elas a propósitos mais profundos, como a crítica social, a expressão de emoções complexas ou a provocação de reflexões no ouvinte? E ainda: como essas ambiguidades afetam a recepção e a interpretação da obra pelo público? Com base na análise das letras e nos relatos dos participantes do grupo focal, a resposta a todas essas indagações foi afirmativa. As ambiguidades foram não só reconhecidas como percebidas como intencionais e eficazes, funcionando como uma estratégia expressiva consciente de Renato Russo.

As análises indicam que as ambiguidades funcionam como dispositivos interpretativos que ampliam o horizonte de sentidos das canções. Versos como “Teu corpo é o meu espelho e em ti navego” ou “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê” foram interpretados pelos participantes a partir de diferentes perspectivas — emocionais, existenciais, espirituais e sociais — o que confirma o papel ativo do ouvinte como coconstrutor do sentido, como proposto por autores como Iser (1994), Jauss (1996) e Bakhtin (2003).

As respostas dos ouvintes revelaram ainda que essas ambiguidades provocam envolvimento afetivo, ativam memórias pessoais e criam identificação simbólica com os sentimentos e as situações evocadas nas letras. A escuta, nesse sentido, vai além da fruição estética: ela se torna também uma forma de leitura do mundo. Essa compreensão está alinhada com a perspectiva de que a linguagem da canção é multimodal, sensível e aberta, conforme proposto por Lúcia Santaella.

A hipótese inicial, de que as ambiguidades nas canções da Legião Urbana são utilizadas de forma deliberada para enriquecer as letras e ampliar suas possibilidades interpretativas, foi confirmada. Mais do que adornos poéticos, elas cumprem funções específicas: veiculam crítica social, traduzem angústias e complexidades humanas e provocam o ouvinte a pensar e sentir

além do que está dito de forma direta. Isso confirma não apenas a sofisticação das composições da banda, mas a maestria de Renato Russo como letrista.

Do ponto de vista metodológico, a combinação entre análise textual e grupo focal permitiu uma abordagem sensível e plural do objeto de estudo. O trabalho alcançou plenamente seus objetivos específicos: realizou o levantamento de canções ambíguas, verificou como essas ambiguidades são estruturadas e mostrou seu impacto direto na recepção da obra pelo público. O método adotado foi eficaz para demonstrar a complexidade interpretativa das músicas e a riqueza que a ambiguidade oferece como estratégia poética.

Por fim, este trabalho contribui para a valorização da canção popular brasileira como objeto legítimo de análise linguística e literária. As letras da Legião Urbana, ao conjugarem crítica, emoção e polissemia, revelam-se como verdadeiras crônicas poéticas da condição humana. A ambiguidade, longe de ser um entrave, é aqui uma ponte — entre autor e ouvinte, entre linguagem e vida, entre arte e pensamento.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Introdução à sociologia da música**: doze preleções teóricas. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à semântica**. São Paulo: Ática, 2019.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins, 1977.
- ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004a, p. 57-64.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. Maria Bethânia C. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Vários escritos**. 7. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Cezar Burigo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. Helena Maria de Freitas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

EMPSON, William. **Sete tipos de ambiguidade**. Trad. Marcelo Pen. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Semântica: o significado das palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FRANCHETTI, Paulo. **Teoria literária e ensino de literatura**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. **Linguagem e sentido: uma introdução à semântica**. São Paulo: Cortez, 2003.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica: estruturas e significados**. São Paulo: Contexto, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. João Paulo Monteiro e Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KOCH, Ingedore G. Villaça; Travaglia, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas 2003.

MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. São Paulo: Editora 34, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. Campinas: Pontes, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antonio Chelini e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura e ensino: teoria e prática**. São Paulo: Global, 2001.

ANEXOS

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO PARA OS OUVINTES DA BANDA LEGIÃO
URBANA**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
ACADÊMICO: FELIPE VIANA AMARAL

A AMBIGUIDADE EM COMPOSIÇÕES DA BANDA LEGIÃO URBANA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS OUVINTES DA BANDA LEGIÃO URBANA

1. Quais músicas da Legião Urbana você mais ouve? Por quê?
2. Como você descreveria as letras das músicas da Legião Urbana?
3. Você já ouviu o termo ambiguidade, o que você compreende por esse termo?
4. Alguma música para você, tem um significado mais profundo em certo momento?
5. No verso ‘Teu corpo é o meu espelho e em ti navego’, como a ideia de espelho pode ser entendida de diferentes maneiras?
6. No verso ‘Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê’, quais significados você identifica no verso?
7. No trecho ‘Sinto muito, ela não mora mais aqui. Mas então porque eu finjo. Que acredito no que invento. Nada disso aconteceu assim. Não foi desse jeito’. O que sua percepção compreende, pode apresentar uma pessoa, um sentimento ou uma lembrança?
8. No trecho ‘O céu já foi azul, mas agora é cinza. E o que era verde aqui já não existe mais’, quais significados podem haver nesse trecho?
9. No trecho ‘Mas percebo agora. Que o teu sorriso vem diferente. Quase parecendo te ferir’, de que forma você interpreta esse trecho?
10. Qual outra música da banda legião urbana tem ambiguidades?
11. A ambiguidade nas letras da legião urbana é um recurso estilístico intencional?

EU, _____
AUTORIZO A DIVULGAÇÃO DA ENTREVISTA PARA FINS DE PESQUISA.

DATA: __/__/__